

pensar

Memorial de um poeta

LIVRO REÚNE PELA PRIMEIRA VEZ EM UM SÓ VOLUME
TODA A OBRA EM VERSO DE MACHADO DE ASSIS

ALEXANDRE PILATI
ESPECIAL PARA O CORREIO

O Machado de Assis que ficou gravado em nossas retinas é o de Bentinho, Capitu, Brás Cubas e Quincas Borba. E esse é, de fato, o Machado que logrou uma operação original em nossas letras até fins do século 19 (até hoje talvez?). Escolado em narrativas como *Helena* ou *A mão e a luva* e em contos e crônicas, o Machado do chamado "romance da segunda fase" é um criador de enigmas, homem de seu tempo e brasileiroíssimo, mestre de uma equação que era, num só movimento, a realização perfeita e o revés da arte e da conduta burguesas.

Entretanto, há tantos Machados e tantos enigmas por decifrar que se deve comemorar a publicação de sua obra poética completa, ocorrida no embalo das publicações que lembram os cem anos de morte do escritor carioca. *Toda poesia de Machado de Assis* reúne, pela primeira vez em um só volume, tudo o que o Bruxo do Cosme Velho escreveu em versos em sua longa e produtiva carreira literária.

Organizado pelo poeta e professor Cláudio Murilo Leal, que defendeu doutoramento sobre a poesia de Machado de Assis em 2000, o volume traz verdadeiras raridades como os poemas que o próprio Machado expurgara de suas *Poesias completas*, organizada por ele em 1901. Lendo-os detidamente é impossível não deixar de perguntar sobre que razões teriam levado o poeta a excluir de sua antologia pessoal poemas como "No limiar" um texto de belos versos e tensão lírica nada exangue, em que se representa um diálogo entre a Esperança e o Desengano. Também são dignas de curiosidade as 48 crônicas em verso da "Gazeta de Holanda", publicadas originalmente entre 1886 e 1888. Nelas está o que se poderia chamar (atendendo à moda do vocabulário científico) de "DNA da nossa crônica de corte lírico", que engendrará depois a delicadeza de um Rubem Braga ou a doce obliquidade de um Drummond.

Toda poesia de Machado de Assis proporciona ainda a visão panorâmica de uma obra que se estendeu por mais de 50 anos de forma contínua e relevante. As duas pontas dessa monumental produção são sonetos. Em 1854, saía na imprensa o primeiro poema de Machado, "À Ilma Sra. D.P.J.A.", em que o frescor juvenil e romântico dá o tom, simbolizado nas inúmeras exclamações do texto. Em 1906, escreve "A Carolina" o último soneto que também tematiza o amor e que, todavia, carrega a dor, o luto e, também, na forma, toda a maturidade de um autor experiente, sabedor dos limites e dos segredos da literatura mundial.

Entre essas duas pontas, vê-se um poeta que conheceu a fundo quase tudo o que se produziu de relevante na literatura ocidental, sem nada descartar. Vê-se isso claramente na seqüência de suas coletâneas de poemas: *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870), *Americanas* (1875), *Poesias completas*, incluindo as *Ocidentais* (1901). Amadurecimento poético, no caso de Machado, quer dizer solidificação dos códigos consagrados pela literatura universal e esforço vigoroso para superá-las com uma visão autenticamente nacional. Nesse sentido, sua lírica tem um movimento de busca, que faz o poeta caminhar no fio da navalha entre o lirismo e a narratividade, entre mundo interior e mundo objetivo, entre tradição poética e uma mínima ruptura.

As *Crisálidas* são experimentações com a tradição romântica e uma espécie de surgimento de consciência metapoética, em que o lirismo é fruto de uma confiança firme na poesia como instrumento de sublimação de movimentos subjetivos da alma humana. Mas essa confiança vai sendo pouco a pouco fraturada por uma objetividade que teima em aparecer na lírica machadiana e que acaba transformando-se em superação do Romantismo poético. *Falenas*, por sua vez, mostra como se impôs ao poeta o patrimônio cultural ocidental. Aqui Machado revela leituras e influências bem distantes do modelo franco-português. Junto a isso, a decidida vocação narrativa da poética machadiana começa a se exibir como decisiva. Em *Americanas*, o estranho livro que reenvia o leitor de poesia ao indianismo, Machado explora sua veia narrativa, exercitando com a matéria local (algo que não se viu dessa maneira evidentemente decorativa em outros momentos de sua obra) meios de expressão poética que se mostrariam maduros no livro seguinte, *Ocidentais*. Nessa coletânea estão poemas de grande maestria técnica como "A mosca azul" e "O desfecho", admirável soneto que retrabalha o mito de Prometeu numa concisão poucas vezes repetida em sua obra poética.

Ter *Toda poesia de Machado de Assis*, assim, será tarefa para estudiosos e dilettantes da poesia que desejem encontrar Machado de Assis nas suas esquinas. Ou seja, em suas maiores potencialidades e em suas maiores fraquezas. Sua lírica tem esse estranho condão de revelar-nos um Machado contraditoriamente mais e menos humano. Se nas narrativas da segunda fase uma operação formal pode dar ao Brasil seu maior romancista, na lírica estamos diante de um homem comum, ainda que poeta, residindo à periferia do capitalismo, tentando dar alguma ordem poética à barafunda de influências da tradição ocidental e ao profundo dilacerado sentimento de inadequação social a tais modelos. Ai está, talvez, a ponta do novelo da verdade brasileira que se esconde por trás de sua maiúscula poesia.

ALEXANDRE PILATI É DOUTOR
EM LITERATURA
BRASILEIRA, AUTOR
DE PRAFÓRA
(7 LETRAS, 2007)



TODA POESIA DE
MACHADO DE ASSIS
Organização de
Cláudio Murilo Leal.
Record, 756 páginas.
R\$ 85,00.

A CAROLINA

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs um mundo inteiro.

Trago-te flores, - restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

O DESFECHO

Prometeu sacudiu os braços manietados
E súplice pediu a eterna compaixão,
Ao ver o desfilar dos séculos que vão
Pausadamente, como um dobre de finados.

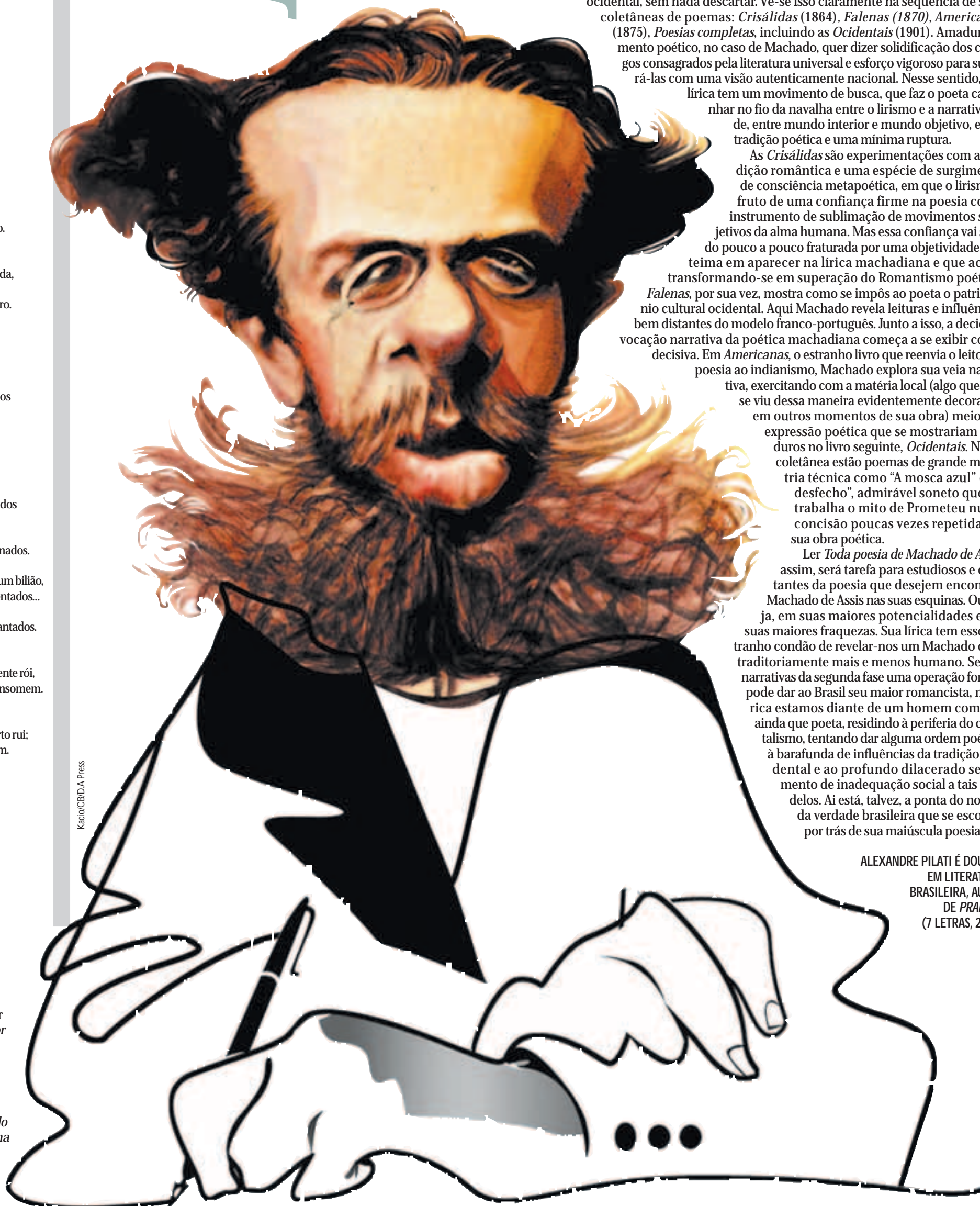
Mais dez, mais cem, mais mil e mais um bilhão,
Uns cingidos de luz, outros ensangüentados...
Súbito, sacudindo as asas de tufoão,
Fita-lhe a água em cima os olhos espantados.

Pela primeira vez a víscera do herói,
Que a imensa ave do céu perpetuamente rói,
Deixou de renascer às raivas que a consomem.

Uma invisível mão as cadeias diluí;
Frio, inerte, ao abismo um corpo morto rui;
Acabara o suplicio e acabara o homem.

SÁBADO É DIA DE MACHADO

A análise da obra poética de Machado de Assis é a terceira etapa da homenagem do Pensar ao centenário de morte do maior escritor brasileiro de todos os tempos. Nas duas primeiras semanas, foram analisadas, respectivamente, as releituras contemporâneas das obras de Machado e a produção teatral do escritor. No próximo sábado, uma reflexão sobre outro aspecto pouco divulgado da obra do autor de Dom Casmurro: o de crítico literário.



Karim/CBIDA Press